



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA

Aline Padilha

**O uso das plantas medicinais nas comunidades Indígenas brasileiras: Uma  
revisão de literatura**

Florianópolis

2024

Aline Padilha

**O uso das plantas medicinais pelas comunidades Indígenas brasileiras: Uma  
revisão de literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Graduação em Odontologia, do Centro de Ciências da Saúde, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Cirurgiã-Dentista.

Orientadora: Profa Dr.(a) Renata Goulart Castro  
Coorientadora: Profa Dr.(a) Adriana Aparecida Belino Padilha De Biazzi.

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela  
BU/UFSC.

Dados inseridos pelo próprio autor.

Padilha, Aline

O uso das plantas medicinais pelas comunidades indígenas brasileiras : Uma revisão de literatura / Aline Padilha ; orientador, Renata Goulart Castro, coorientador, Adriana Aparecida Belino Padilha de Biazi, 2024.

54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde, Graduação em Odontologia, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Odontologia. 2. Indígenas. 3. Plantas Mediciniais. 4. Conhecimento Tradicional. I. Castro, Renata Goulart. II. de Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Odontologia. IV. Título.

Aline Padilha

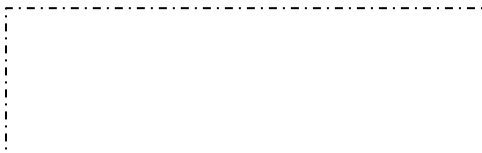
**O uso das plantas medicinais pelas comunidades Indígenas brasileiras: Uma revisão  
de literatura**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de  
Cirurgiã-Dentista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Odontologia.

Florianópolis 17/06/2024

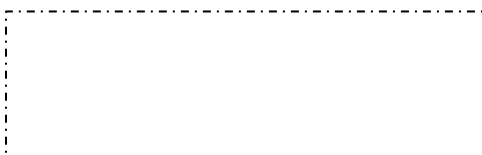
Prof.(a) Renata Goulart Castro, Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina



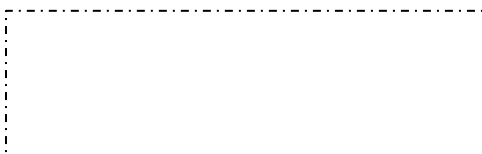
Prof.(a), Eliana Elisabeth Diehl Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina



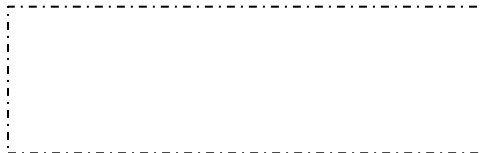
Prof.(a), Juliana Salles Machado Bueno Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina



Coordenadora do Curso de Odontologia

Ana Maria Hecke Alves



Florianópolis

2024

Dedico esse trabalho a minha querida mãe, és a minha fonte de inspiração e a minha fortaleza. Se cheguei até aqui, foi graças a sua dedicação, obrigada por nunca ter desistido de mim, a sua base foi tudo na minha vida. Peço a Deus que lhe dê muita saúde para alcançar e desfrutar ao meu lado, todas as minhas conquistas



## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois todos os dias ele tem me dado forças para superar os desafios encontrados ao longo do caminho e também pelos objetivos que já foram alcançados.

Ao meu pai Francisco e a minha mãe Antoninha por sempre terem me guiado nos melhores caminhos, principalmente na educação, onde tiveram o poder de grande transformação em minha vida.

As minhas irmãs, Adriana e Jandaíra por me incentivarem na minha caminhada, e pelos conselhos diários, principalmente por nunca me deixarem que eu me sentisse sozinha. Aos meus sobrinhos Gabriel e Arthur, por todo o amor e carinho que me deram nos momentos que mais precisei durante esse período da minha formação.

Gostaria de expressar a minha profunda gratidão aos meus ancestrais, às remedeiras (os), kujás, benzedeiros (os), e os Kofás anciãos da TI Xapecó, que têm sido os verdadeiros guardiões do conhecimento tradicional, da sabedoria sobre as plantas medicinais. Os quais me ensinaram a importância do respeito pela mata e pelo conhecimento tradicional, dedico este trabalho. Vocês me inspiraram a seguir este caminho e a valorizar nossas raízes, e mantendo a nossa identidade cultural.

A todos aos meus colegas do curso, pela assistência e cumplicidade, compartilhamos muitos momentos bons de alegrias e conhecimentos, os ruins também estavam presentes, mas conseguimos superá-los juntos, isso foi muito importante para mim.

A minha orientadora, Renata, por sua orientação, paciência e amor pela educação, sinto-me honrada por ter sido minha mestre, obrigada por ouvir minhas angústias e ter mostrado os caminhos que eu poderia trilhar.

Em especial a minha coorientadora Adriana Kaingang, que por ser minha irmã não deixou de me cobrar, você é minha fonte de inspiração diária para não desistir, muito obrigada por cuidar de mim, e também transmitir um pouquinho de todo esse conhecimento que você tem, sem você não teria chegado onde estou hoje.

Agradeço também a professora Ana Lúcia Vulfe Nötzold que me acolheu com todo carinho no início da graduação, e também por me doar alguns de seus livros para minhas pesquisas, e a Juliana Salles Machado Bueno que sempre esteve presente e me ouviu muito falar sobre minha pesquisa, agradeço muito por todo o apoio que me deram ao longo da minha trajetória.

Agradeço a todos os professores do curso de Graduação em odontologia da UFSC que tive o prazer de ser aluna, a presença de vocês de alguma forma teve um impacto na minha vida, cada um deixou a sua marca. Em especial a Gláucia Santos Zimmermann e a Ana Maria Hecke Alves que estiveram presentes na minha trajetória.

Aos meus amigos, por compreenderem minhas ausências e por me apoiarem nos momentos de dificuldade. Vocês fazem parte desta conquista.

Não poderia deixar de agradecer também aos membros do LABHIN, que várias vezes me ajudaram, não somente com livros e PDFs, como também participaram de perto a minha busca incessável para concluir minhas pesquisas. E também ao projeto Conexão Saberes Indígenas, por acolher minha pesquisa enquanto Indígena Kaingang, principalmente por valorizar minha pesquisa no Abril Indígena realizado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas em 2024.

Não poderia deixar de agradecer ao Nathan Marcos Buba, que incansavelmente me socorreu, encaminhando artigos, livros em PDF, e também me doando alguns livros, não mediu esforços quando eu solicitei sua ajuda. E também ao professor Valmor Venhira Mendes de Paula, por ter feito a tradução do resumo do Português para o Kaingang, sem ajuda de vocês não conseguiria sozinha.

Por fim, a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste TCC, meu muito obrigada. Este trabalho é resultado de um esforço coletivo, e sou imensamente grata a cada um de vocês.



Nunca estamos atrasados para aquilo que é nosso

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso (TCC), tem como tema a utilização das plantas medicinais pelas comunidades Indígenas, com ênfase no conhecimento ancestral e valorização cultural. As plantas medicinais têm sido utilizadas desde o início da humanidade para tratamento de doenças, e atualmente há um interesse maior nas abordagens naturais, incluindo as plantas medicinais para tratar diversas enfermidades. No entanto, é importante ressaltar que nem todas as plantas são eficazes, algumas podem “ser” tóxicas e até prejudiciais à saúde. Busca-se conhecer e compreender como as publicações científicas vem retratando essa questão, e como estas plantas são utilizadas pelos Indígenas, em seus rituais, e para cura, bem como a sua preparação. O objetivo principal é realizar uma revisão de literatura buscando documentar, valorizar e disseminar o conhecimento tradicional sobre as plantas medicinais, e também contribuir para a valorização da cultura indígena, que hoje em dia se encontra fragilizada. A fragilização da cultura Indígena se deve a diversos fatores históricos, como a imposição de normas e valores externos, gerando perda de suas tradições e enfraquecendo a sua identidade cultural. Além disso, o avanço das atividades econômicas, como a mineração, a agricultura extensiva e o desmatamento, têm devastado territórios Indígenas, resultando na perda de áreas sagradas e na desestruturação das comunidades. Foram definidos descritores para a realização de uma busca sistematizada nas bases de dados de literatura científica. Foi realizada a seleção dos documentos a partir da adesão à temática principal, a partir da leitura dos títulos dos trabalhos, depois leitura dos resumos, até a leitura em profundidade dos documentos com adesão a temática. Em conclusão, a pesquisa proporcionou uma breve compreensão sobre o uso das plantas medicinais pelas comunidades Indígenas brasileiras, revelando sua importância histórica e cultural. Observamos como essas práticas não apenas tratam doenças físicas, como também promovem o bem-estar espiritual e emocional, enraizando-se nas tradições ancestrais desses povos. No entanto, observamos desafios significativos enfrentados pelo uso dessas plantas, tais como a perda de territórios ancestrais e a degradação ambiental. É essencial garantir o respeito aos direitos territoriais e culturais dos povos Indígenas, além de promover políticas que apoiem a preservação e o fortalecimento dessas práticas tradicionais de saúde. Finalmente, ressaltamos a importância de valorizar e preservar o conhecimento sobre plantas medicinais, reconhecendo a contribuição fundamental

dos sábios Indígenas na transmissão desse legado às futuras gerações e aos pesquisadores interessados nessa área.

**Palavras-chave:** Indígena, Plantas Medicinais, Conhecimento Tradicional.

## ĒG VĪ KI

Rānhrāj tagti vỹ tỹ ēg nēn tá vēnhkagta, ag ki kanhrān-rān jé, kanhgág ag, kar ag kikīr há han jé. Ēg si ag vỹ vāsỹ si há kǎ, ag tỹ vēnhkagta mū han mū, jo ū ag tỹ kóreg nỹtī. Ūri tỹ vēnhkagta tag ag han ki kanhrān mū. Hāra ag tỹ sir vāsỹ ag tỹ sir kanhgág ag tỹ nēn kāmī vēnhkagta nēn-kāmī vēnhkirīr tī nī.

Uri fóg ag tỹ nēn ki vēnhkagta tagti, ag ki kanhrān-rān há han sór mū, ag kanhgág ag jykre pē kikīr-rīr-nī, ūri kanhró tag tỹ krónh ke sór nīgtī. Fóg ag jykre tỹ ēg ki kǎge kỹ ēg jykre pē tỹ krón ke mū sir.

Mỹr fóg ag vỹ mineração mré rānhrāj, kar sir jakré-mág, nēn vyn kan vỹ tỹ kanhgág ag ga kókén mū, kar-ag mỹ tỹ vēnhmỹ han mū. Kỹ ūn kanhrān há a-vỹ literatura científica kri kǎnhrāj mǎn mū, ag tỹ kanhrān há han. Temática tỹ ki han nī-nī, kar rānhrāj ag jyjy, vēnhrǎ ag to jǎn, jǎn há han mré temática tī.

Ag tỹ ēg vēnhkagta pē ki kanhrān-rān han, kỹ ag tág kanhrān-mū, nēn ki vēnhkagta tỹ kanhgág ag mỹ há han mū, kar ag jukre pē to. Ēg tỹ nēn ki vēnhkagta ag to kenhrān-rān há han, kỹ ēg jukre tỹ mrir-ke mū, vēnhkagta tag ag pi ēg há ki vēnhkagta tavī ki han mū, ag vỹ ēg kugmá, kar ēg krī ki ēg jukre han mū, ēg si tūg mū ag jukre mré. Hāra vēnhkagta tag ag vỹ tū ke rǎ nī, ēg nēn mág-tỹ tū ke tī, tỹ kanhgág ag ga ki kanhrō-ū-há han, kỹ ēgtỹ rānhrō-j ū há han, nēn kāmī ag vēnhkagta ag to.

Ēg vēnhkagta ag vỹ tỹ ēg mỹ nēnū há nī, hǎ kỹ mūnỹ ēg nēn ag vēnhkagta ag tỹ rīr há nī, ag vỹ ēg gīr kar kyrū ag mỹ há han vajkỹ.

**Vēnhrǎ:** Nēn ki vēnhkagta, Ēg kanhró pē nī.

## **ABSTRACT**

This undergraduate thesis focuses on the use of medicinal plants by indigenous communities, emphasizing ancestral knowledge and cultural appreciation. Medicinal plants have been used since the dawn of humanity for the treatment of diseases, and there is currently a growing interest in natural approaches, including medicinal plants, to treat various ailments. However, it is important to note that not all plants are effective; some can be toxic and even harmful to health. This study aims to understand and analyze how scientific publications are portraying this issue, how these plants are used by indigenous peoples in their rituals and healing practices, and how they are prepared. The main objective is to conduct a literature review to document, value, and disseminate traditional knowledge about medicinal plants, as well as to contribute to the appreciation of indigenous culture, which is currently weakened. The fragility of indigenous culture is due to various historical factors, such as the imposition of external norms and values, leading to the loss of their traditions and weakening their cultural identity. Additionally, the expansion of economic activities such as mining, extensive agriculture, and deforestation has devastated indigenous territories, resulting in the loss of sacred areas and the disintegration of communities. Descriptors were defined for a systematic search in scientific literature databases. The selection of documents was carried out by adhering to the main theme, starting with the reading of the titles, followed by the abstracts, and finally an in-depth reading of the documents that adhered to the theme. In conclusion, the research provided a brief understanding of the use of medicinal plants by Brazilian indigenous communities, revealing their historical and cultural importance. We observed how these practices not only treat physical ailments but also promote spiritual and emotional well-being, being rooted in the ancestral traditions of these peoples. However, we noted significant challenges faced in the use of these plants, such as the loss of ancestral territories and environmental degradation. It is essential to ensure respect for the territorial and cultural rights of indigenous peoples, as well as to promote policies that support the preservation and strengthening of these traditional health practices. Finally, we highlight the importance of valuing and preserving knowledge about medicinal

plants, recognizing the fundamental contribution of indigenous elders in passing down this legacy to future generations and researchers interested in this field.

**Keywords:** Indigenous, Medicinal Plants, Traditional Knowledge.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa da distribuição do percentual de Indígenas na população brasileira por Unidades da Federação, Brasil, 2022.....	27
Figura 2 - Mapa da distribuição do percentual de Indígenas na população brasileira por Terras Indígenas, Brasil, 2022 .....	28
Figura 3 - Fluxograma de seleção de estudos para a revisão bibliográfica .....	37

**LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Síntese das informações bibliométricas dos artigos selecionados na revisão da literatura, Florianópolis, 2024. ....	39
--	----



**LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Distribuição da população dos povos Indígenas de algumas etnias no Brasil por Unidade da Federação, 2022. ....	29
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

TI – Terra Indígena

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

SUS - Sistema Único de Saúde

PICS - Práticas Integrativas e Complementares Em Saúde

UBS - Unidade Básica de Saúde

AIS - Agentes Indígenas de Saúde

## **GLOSSÁRIO LÍNGUA KAINGANG**

*Kófa* – Velhos Sábios

*Fóg* – Não Indígena, Branco

*Kujá* – Líder Espiritual Kaingang, rezador, benzedor, responsável pelas curas

*Kiki Koj* – Ritual de homenagem aos Mortos

*Vēnhkagta* – Plantas medicinais ou remédio do mato

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>20</b>
1.1	QUEM É A COMUNIDADE INDÍGENA BRASILEIRA?.....	23
1.2	QUAL A IMPORTÂNCIA DO TERRITÓRIO PARA A COMUNIDADE INDÍGENA? .....	29
1.3	QUAL O HISTÓRICO DA UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELO POVO KAINGANG? .....	32
<b>2</b>	<b>OBJETIVO.....</b>	<b>34</b>
<b>3</b>	<b>MATERIAIS E MÉTODOS .....</b>	<b>35</b>
3.1	ESTRATÉGIA DE BUSCA.....	35
3.2	CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS DOCUMENTOS.....	36
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>49</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>
	<b>ANEXO 1.....</b>	<b>54</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, está pautada nos conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas medicinais, destacando o olhar e o protagonismo da mulher Indígena em pesquisas acadêmicas. Desta forma o tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em odontologia, vem me acompanhando desde o início do curso e aos poucos foi sendo aprofundado, oferecendo uma série de benefícios para minha futura prática como Cirurgiã-Dentista e como Kaingang unindo estes dois conhecimentos. Além de complementar minhas habilidades clínicas, ele fortalece nossa identidade cultural, promove o reconhecimento e a valorização da medicina indígena na sociedade em geral. A importância do uso das plantas medicinais ficou mais evidente ao cursar a disciplina “Laboratório de Ensino de História e Plantas Mediciniais”, o assunto abordado pela professora Dra. Renata Palandri Sigolo, reforçou minha ideia de pesquisa de TCC, atravessando o tempo com a memória da minha experiência vivida na aldeia. Como Kaingang, trago uma vivência e uma conexão profunda com a temática das plantas medicinais. Desde minha infância, cresci imersa na rica tradição cultural do meu povo, onde o conhecimento sobre as propriedades curativas das plantas é transmitido de geração em geração. Aprendi com meus ancestrais a importância de respeitar e honrar e cuidar a mata e tudo que nela existe, e a reconhecer o poder das plantas medicinais em nossa jornada de cura e bem-estar.

Minhas experiências pessoais como Kaingang, me proporcionaram uma compreensão mais aprofundada dos rituais e práticas de cura que permeiam a nossa cultura. Desde os rituais da coleta dessas ervas, até sua preparação e utilização, cada aspecto de nossa tradição tem profundas raízes em nossa identidade como povo indígena. Ao longo dos anos, testemunhei em primeira mão o impacto positivo que o uso das plantas medicinais tem em nossa comunidade, não apenas na cura física, mas também na cura mental, como também no fortalecimento de nossa conexão com o mundo espiritual e cosmológico.

É com essa bagagem de experiências e saberes tradicionais que me aproximo deste tema, buscando não apenas compartilhar conhecimentos, mas

também honrar e valorizar a riqueza de nossa herança cultural. Acredito que ao trazer minha voz e minha perspectiva como Kaingang para esta discussão, posso contribuir de forma significativa para o enriquecimento do diálogo e para fomentar o respeito e a valorização da cultura indígena.

Lembro de minha mãe ao buscar utilizar as ervas medicinais (chamada por nós Kaingang de *Vēnhkagta*)<sup>1</sup> momento em que ela nos levava, eu e minhas duas irmãs, aos curandeiros *Kujás*<sup>2</sup>, remedieiros (as) e benzedeiros (as). São estes especialistas que ensinam muito do saber ancestral aos demais Kaingang da comunidade, em nossa cultura Kaingang, cada planta possui propriedades curativas. Os *Kófas*<sup>3</sup>, também possuem conhecimento sobre as plantas, de geração em geração este saber circula e permanece na memória do povo há mais de 3 mil anos, segundo dados da arqueologia. O povo Kaingang pertence à família Jê, que é uma das várias sub-famílias do tronco linguístico Macro-Jê. O reconhecimento do Kaingang como parte deste grupo foi estabelecido com a publicação dos "Mapas de clasificación lingüística de México y las Américas" por Swadesh no final dos anos 1950.

Urban (1992:90-91) afirma que os Jê habitavam originalmente o planalto brasileiro. Este habitat moldou suas práticas culturais e sociais, bem como sua estrutura linguística. A adaptação ao meio ambiente, mencionada por Urban, é um fator crucial que se reflete na organização e no uso da língua Kaingang.

As conversas com os *Kófas* são realizadas ao redor do fogo de chão, tomando chimarrão e comendo batata doce, mandioca e pinhão assado na cinza do fogo que permanece aceso no chão da casa, essa conversa é realizada a maioria das vezes durante a tardezinha quando está para anoitecer, é feito um fogo no chão perto de nossas casas, ou nos paióis, que são pequenas de chão batido que são construídas para estes momentos de contato com as nossas histórias dos tempos antigos, nós nos reunimos ao redor do fogo, sentados em toras (tronco de árvore), de forma circular, em que mantemos a conexão de energia e compartilhando o alimento e a bebida quente do chimarrão, e nossos *Kófas* começam a história, na companhia do cheiro de pinhão, batata e mandioca assada, os animais se fazem presentes ao redor do fogo. As histórias são

---

<sup>1</sup> Para nós Kaingang significa as plantas medicinais, ou remédio do mato.

<sup>2</sup> Líder Espiritual Kaingang, rezador, benzedor, responsável pelas curas

<sup>3</sup> Velhos Sábios

contadas também nas escolas Indígenas pelos professores, sempre que adentrávamos na mata, e nos sentávamos debaixo das árvores, ao som dos passarinhos, dando voz aos mais velhos, sempre atentos a cada detalhe mencionado por eles, então desde pequenos somos ensinados sobre a oralidade para contar nossas histórias de nossa cultura, e principalmente sobre nossas origens.

As plantas medicinais sempre foram utilizadas, desde o início da humanidade para prevenir e tratar doenças de modo geral, e ao longo dos séculos, continuam a ser utilizadas por diferentes povos e suas diferentes tradições, como a medicina Chinesa, a Ayurveda, as Indígenas, entre outros. Já na atualidade, o interesse pelas plantas medicinais tem crescido no mundo todo, a partir da busca por abordagens mais naturais para tratar várias doenças, desde resfriados comuns, até doenças crônicas, por este motivo é importante destacar que apesar do uso generalizado, nem todas são eficazes, bem como algumas podem ser venenosas podendo agravar a doença ou ainda causar a morte.

As práticas integrativas e complementares em saúde - PICS, foram incorporadas ao sistema único de saúde - SUS e contemplam acupuntura, ioga, musicoterapia, auriculoterapia, entre outras, incluindo também a fitoterapia (Ministério da Saúde, 2018). A implantação das PICS na TI Xapecó<sup>4</sup>, é uma das ideias que surgiu após estudar sobre o assunto, vendo que muitas pessoas da aldeia deixaram de utilizar as plantas medicinais por vários motivos mencionados, me faz querer fortalecer essa parte da nossa cultura que é muito importante, não só para a comunidade indígena, como também está relacionada a nossa saúde, e como ela vem sendo tratada atualmente. No entanto, são passos que devem ser seguidos, sempre em consulta com a comunidade, conversando com os Kófas a melhor maneira de poder destacar esse saber ancestral dentro das unidades básicas de saúde – UBS, e principalmente, também valorizar as horas e a reconstituição das farmácias de fitoterápicos que envolve um sábio conhecedor sobre as plantas medicinais Kaingang, a

---

<sup>4</sup> A Terra Indígena Xapecó se localiza no Oeste de Santa Catarina entre os rios Chapecó e Chapecózinho, e se situa nos municípios de Ipuauçu e Entre Rios, com aproximadamente 15.623 hectares de terra. Possuindo 16 aldeias, sendo elas: Sede ou Jacu, Olaria, Serrano, Cerro Doce, Pinhalzinho, Campos Oliveira, Água Branca, Limeira, Fazenda São José, Matão, João Veloso, Paiol de Barro, Barro Preto, Guarani, Baixo Samburá e Manduri. Sendo que a aldeia Campos Oliveira surgiu em decisão da comunidade. Abrigando as etnias Kaingang, Guarani, Xetá e Laklanõ-Xokleng, o povo Kaingang sendo o de maior número. (Biazi, 2017. pág 92)

desenvolver ações e práticas sobre o uso mais frequente dos vênhkagta. E há uma série de obstáculos significativos a serem superados para concretizar essa iniciativa, estes incluem não apenas limitações de recursos governamentais, mas também questões práticas como a disponibilidade de recursos humanos, que inicialmente dependeria principalmente de esforços voluntários para que pudesse chegar ao objetivo da implantação das PICS na aldeia.

A pesquisa sobre o uso das plantas medicinais pelos Indígenas, desempenha um papel importante na valorização do conhecimento tradicional, como também cultural e ritual. A comunidade indígena possui um conhecimento amplo sobre as propriedades medicinais das plantas presentes em seus territórios, desenvolvida ao longo dos séculos através de seus rituais, e relação com a espiritualidade com a mata e o universo cosmológico. Essa pesquisa tem implicações tanto para a saúde individual quanto para a saúde coletiva, bem como o conhecimento tradicional dos povos Indígenas sobre as plantas medicinais, como também promover o empoderamento dos povos Indígenas, conhecendo sua contribuição para a saúde da população, e manutenção da cultura de cada povo.

Portanto, este trabalho se fundamenta na necessidade de documentar, valorizar e disseminar o conhecimento tradicional, promovendo sua transmissão às futuras gerações. Reconhecer a importância desses saberes é essencial para garantir a continuidade das práticas culturais e contribuir para a diversidade e sustentabilidade das comunidades Indígenas. A pesquisa poderá contribuir para o fortalecimento das tradições e cultura, além disso irá abrir caminhos para a construção da implantação das PICS nas unidades básicas de saúde das Terras Indígenas, promovendo ainda mais a utilização das plantas medicinais para prevenção e tratamento de doenças, além de fortalecer nossas proteções espirituais e cuidar do corpo e da saúde mental.

## 1.1 QUEM É A COMUNIDADE INDÍGENA BRASILEIRA?

A diversidade é um dos traços mais marcantes do Brasil. A construção da identidade social e cultural do país foi moldada pela interação e miscigenação de diversos grupos étnicos e culturais, incluindo os diversos povos Indígenas que habitavam o território antes da invasão dos europeus. Esses povos



desempenharam um papel importante na construção da identidade nacional, e sua presença continua relevante até os dias atuais, apesar de muitas vezes não receberem o devido reconhecimento da sociedade devido a diversos fatores, e o mais predominante é o preconceito.

Os povos Indígenas, assim como outras comunidades étnicas, são parte fundamental da identidade cultural brasileira. Sua importância não se limita apenas ao passado histórico, mas também se manifesta na atualidade, onde desempenham papéis significativos como agentes sociais e políticos. Apesar dos desafios e da marginalização enfrentados ao longo da história, os povos Indígenas têm lutado incansavelmente por visibilidade, reconhecimento, e principalmente pela demarcação de seus territórios, tornando-se frequentemente tema de debates na mídia e no cenário político em Brasília.

Ser indígena é mais do que uma identidade; é também uma forma de viver e transmitir nossas crenças, valores, ética e tradições de cada povo. É resistir à pressão da globalização, que muitas vezes busca homogeneizar as culturas, e enfrentar as injustiças e o menosprezo por parte da sociedade nacional, que muitas vezes ignoram as nossas experiências e vivências como povo indígena.

No Brasil, o conceito de indígena é multifacetado e abrange diversas definições propostas por pesquisadores, além de ser delimitado por legislações e políticas específicas. Darcy Ribeiro (1922 - 1997) define o indígena como aquele que preserva costumes e tradições ancestrais, mantendo uma conexão com sua herança cultural. Essa definição reflete a ideia de uma identidade étnica distinta da nacional, que persiste apesar do contato com a sociedade brasileira.

Indígena é, no Brasil de hoje essencialmente, aquela parcela da população que apresenta problemas de inadaptação à sociedade brasileira, em suas diversas variantes, motivados pela conservação de costumes, hábitos ou meras lealdades que a vinculam a uma tradição pré-colombiana. Ou, ainda mais amplamente: índio é todo indivíduo reconhecido como membro por uma comunidade de origem pré-colombiana que se identifica como etnicamente diversa da nacional e é considerado indígena pela população brasileira em que está em contato. (RIBEIRO, D., p. 230, 1970).

Já na concepção de Melatti (1993) o mesmo enfatiza o erro histórico da "descoberta" do Brasil pelos europeus, que resultou na denominação de "índios"

aos povos nativos do Novo Mundo. Essa designação perdurou mesmo após a compreensão de que não se tratava das Índias, mas sim de um continente distinto. Assim, o termo "índio" acabou por englobar os povos que habitavam o território brasileiro no momento da invasão territorial.

Os europeus, ao chegarem na América, deram a seus habitantes a denominação de índios por pensarem estar pisando nas terras das Índias. Mesmo depois que suas explorações os levassem a perceber seu engano, demonstrando que a América constituía um continente à parte, distinto da Ásia, os habitantes do Novo Mundo continuaram a ser chamados de índios. MELATTI, J. C., p. 19, 1993).

A legislação brasileira, representada pelo Estatuto do Índio (1973 apud Brasil, 2008), define o indígena como aquele que se identifica como membro de um grupo étnico distinto da sociedade nacional, preservando suas características culturais. “É todo indivíduo de origem e ascendência pré-colombiana que se identifica e é identificado como pertencente a um grupo étnico cujas características culturais o distinguem da sociedade nacional” (BRASIL, p. 47, 2008).

Essa definição se assemelha à proposta por Darcy Ribeiro, que destaca a importância da identidade étnica na definição do termo indígena. A Constituição Federal de 1988 reconheceu os povos Indígenas como cidadãos brasileiros, conferindo-lhes direitos sobre as terras tradicionalmente ocupadas e reconhecendo sua organização social, costumes e línguas (Brasil, 2017B). Essa abordagem amplia a concepção de indígena para além de uma categoria étnica, reconhecendo sua participação como agentes sociopolíticos do país.

Os artigos 231 e 232<sup>5</sup> da Constituição Federal são fundamentais para a proteção dos direitos dos povos Indígenas no Brasil. Eles estabelecem um marco legal que reconhece e protege a organização social, costumes, línguas, crenças, tradições e direitos territoriais dos povos Indígenas.

O artigo 231 define que as terras tradicionalmente ocupadas pelos Indígenas são aquelas que habitam permanentemente, utilizam para atividades produtivas, são essenciais para a preservação dos recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e para sua reprodução física e cultural, conforme seus usos, costumes e tradições.

---

5

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/constfed.nsf/16adba33b2e5149e032568f60071600f/93b6718ed334dc14032565620070ecfc?OpenDocument>. Acesso em 2024

Já o artigo 232 estabelece que os Indígenas, suas comunidades e organizações têm legitimidade para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, com a intervenção obrigatória do Ministério Público em todos os atos do processo.

A demografia histórica dos povos Indígenas desde 1500 revela um cenário marcado por doenças, massacres e violências diversas (Hemming, 1978). No entanto, essa história também é caracterizada por reações dos Indígenas ao contato com os colonizadores, incluindo grandes deslocamentos para escapar da escravidão, e das consequências das doenças trazidas pelos europeus.

A devastadora capacidade das doenças em desestruturar as populações Indígenas é evidenciada pela epidemia de varíola que assolou a Bahia entre 1562 e 1565, ceifando a vida de mais de 30.000 Indígenas em questão de meses (Hemming, 1978:144). Em suas crônicas, o padre José de Anchieta descreveu os horrores que se abateram sobre essas comunidades durante esse período sombrio.

No mesmo ano de 1562, por justos juízos de Deus, sobreveio uma grande doença aos índios e escravos dos portugueses, e com isto grande fome, em que morreu muita gente, e dos que ficavam vivos muitos se vendiam e se iam meter por casa dos portugueses a se fazer escravos, vendendo-se por um prato de farinha, e outros diziam, que lhes pusessem ferretes, que queriam ser escravos: foi tão grande a morte que deu neste gentio, que se dizia, que entre escravos e índios forros morreriam 30.000 no espaço de 2 ou 3 meses (Anchieta, 1933:356).

Antes da colonização europeia, o território brasileiro era habitado por uma grande diversidade de povos Indígenas, com diferentes formas de organização social, econômica e política, eles viviam majoritariamente da caça, pesca, coleta e da agricultura.

A invasão dos portugueses ao Brasil em 1500 marcou o início de um período de profunda transformação para os povos Indígenas. Durante os séculos seguintes, os Indígenas enfrentaram diversos desafios, incluindo a perda de suas terras para colonizadores e fazendeiros, a violência cometida pelos invasores, a imposição de costumes e religiões estrangeiras, e a marginalização social e política.

No entanto, apesar de todos os obstáculos, os povos Indígenas do Brasil resistem e continuam a lutar pela preservação de suas culturas, territórios e

direitos. Os Indígenas desempenham um papel fundamental na proteção do meio ambiente e na promoção da diversidade cultural do país.

Atualmente, o Brasil abriga centenas de povos Indígenas, que lutam contra ameaças como a invasão de terras, garimpo ilegal, desmatamento, poluição e a violência. O reconhecimento e respeito pelos direitos dos povos Indígenas é fundamental para garantir sua sobrevivência e bem-estar, bem como para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. A diversidade de cultura, e de povos Indígenas hoje no Brasil, são de aproximadamente 260, totalizando uma população de 1.693.535 habitantes, o que representa aproximadamente 0,83% da população nacional de acordo com o censo do IBGE de 2022<sup>6</sup>, conforme Figura 1.

Figura 1- Mapa da distribuição do percentual de Indígenas na população brasileira por Unidades da Federação, Brasil, 2022.



Fonte: IBGE 2022<sup>7</sup>

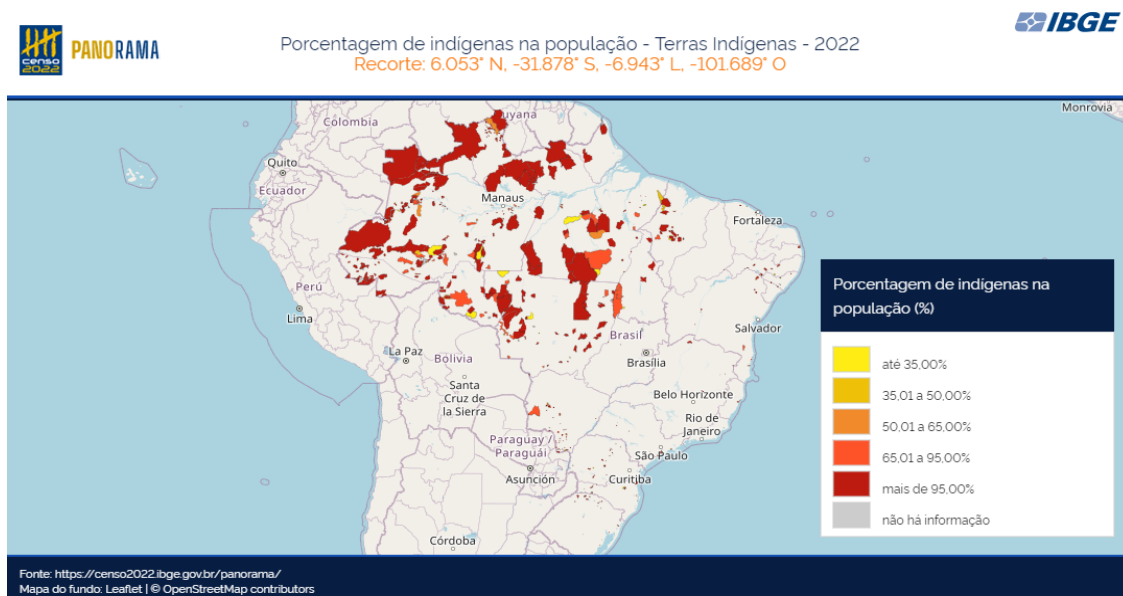
Entre os povos Indígenas presentes no Brasil, destacam-se: Guarani, Ticuna, Kaingang, Xokleng, Macuxi, Terena, Yanomami, Xavante, Guajajara, Potiguara e Pataxó. Distribuindo-se pelo Brasil todo, com maior número no Norte do País, Nordeste e Centro-Oeste. Considerando toda essa distribuição, o

<sup>6</sup> <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em 2024

<sup>7</sup> <https://censo2022.ibge.gov.br>. Acesso em 2024

estado de maior número ainda é o Amazonas com aproximadamente 490.854 Indígenas, perfazendo 29% da população, conforme Figura 2.

Figura 2 - Mapa da distribuição do percentual de Indígenas na população brasileira por Terras Indígenas, Brasil, 2022



Fonte: IBGE 2022<sup>8</sup>

Na tabela 1: Ilustra a diversidade e a presença geográfica significativa das populações Indígenas em várias regiões do país. Ela evidencia tanto grandes povos, como os Guaraní e os Kaingang, que estão presentes em vários estados do sul, sudeste e centro-oeste, quanto grupos menores, como os Laklãnõ-Xokleng, haja vista que estão também em pequenas famílias em TI Kaingang ao Sul do País concentrados em Santa Catarina. A distribuição dessas populações reflete tanto a histórica ocupação territorial quanto os atuais desafios enfrentados pelos povos, proporcionando uma visão abrangente da demografia Indígenas no Brasil.

<sup>8</sup> <https://censo2022.ibge.gov.br> . Acesso em 2024

Tabela 1 - Distribuição da população dos povos Indígenas de algumas etnias no Brasil por Unidade da Federação, 2022.

Nome da Etnia	População	Unidade da Federação
Guarani	85.255	RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MS, PA
Ticuna	53.544	AM
Kaingang	45.620	PR, RS, SC, SP
Macuxi	33.603	RR
Yanomami	30.390	AM, RR
Terena	26.065	MS, MT, SP
Guajajara	27.616	MA
Xavante	22.256	MT
Potiguara	18.445	PB, CE, PE, RN
Pataxó	12.326	BA, MG
Laklanõ-Xokleng	2.000	SC

Fonte: IBGE, 2022

## 1.2 QUAL A IMPORTÂNCIA DO TERRITÓRIO PARA A COMUNIDADE INDÍGENA?

O território não é apenas um espaço físico, mas sim um elemento vital que está entrelaçado com nossas histórias, nossas tradições e nosso modo de vida. Portanto, compreender a sua importância é essencial para contextualizar o significado e o impacto do marco temporal em nossas comunidades. Para nós Indígenas, a terra é território sagrado, lugar onde estão todas as coisas que vivem, no qual cada pequena coisa tem espírito, e antepassados, por este motivo, mover um povo de seu território é matá-lo, e entender o mundo indígena é o primeiro passo para entender a luta e a importância pela demarcação das terras tradicionais.

É fundamental destacar que a relação que estabelecemos com a terra vai além de uma simples questão de posse ou pertencimento. Para nós, a terra é mais do que um espaço físico; ela é parte integrante de nossa identidade e espiritualidade. Cada árvore, cada rio, cada montanha tem um significado profundo em nossa cosmovisão, conectando-nos aos nossos antepassados e às futuras gerações (Biazi, 2017).

Ao sermos arrancados de nossos territórios, não perdemos apenas um

lugar para viver, mas também perdemos nossa conexão com nossas raízes culturais e espirituais. É como se uma parte de nós fosse rompida, deixando-nos sem rumo e sem sentido de pertencimento. Nossa cultura e nossas tradições estão fortemente ligadas à terra, e é somente por meio dela que podemos manter viva nossa identidade como povos Indígenas.

A luta pela demarcação de nossas terras tradicionais, portanto, não é apenas uma questão de garantir nossos direitos territoriais, mas também de garantir a continuidade de transmissão do saber ancestral e de aprendizado na prática, nossa história e nossa própria existência como povo. É uma luta por reconhecimento, por justiça e por respeito à nossa autonomia e soberania sobre nossos territórios ancestrais.

Ao entendermos a importância do território para nós Indígenas, podemos compreender melhor a necessidade de proteger e manter nossas terras tradicionais. E ao falar de território, torna-se necessário a discussão sobre o marco temporal, pois é crucial para compreender as atuais disputas e reivindicações territoriais dos povos Indígenas. Este conceito, que estabelece um critério temporal para a demarcação de terras Indígenas, tem um impacto significativo nas políticas públicas e nos direitos. Portanto, compreender sua importância é essencial para contextualizar o significado e o impacto do marco temporal em nossas comunidades. Abordar este tema permite uma análise aprofundada dos desafios enfrentados pelos povos Indígenas e das implicações legais e sociais decorrentes dessa questão.

O artigo "A aplicação do marco temporal pelo Poder Judiciário e seus impactos sobre direitos territoriais do povo Terena", escrito por Alfinito, Ana Carolina; Amado, Luiz Henrique Eloy; e Henrique, Luiz, publicado na Revista Eletrônica OAB RJ em 2018, aborda uma questão fundamental e complexa no contexto dos direitos territoriais Indígenas no Brasil: o marco temporal.

O marco temporal é uma interpretação jurídica que estabelece que os povos Indígenas só têm direito às terras que estavam sob sua posse no momento da promulgação da Constituição Federal de 1988. A PEC 48/2023<sup>9</sup> que está em tramitação no Senado Federal, e essa interpretação ainda tem

---

<sup>9</sup> A proposta da emenda à constituição (PEC) 48/2023, que propõe alterar o artigo 231 da Constituição Federal, definindo o marco temporal para a demarcação das terras Indígenas, atualmente está em tramitação no Senado Federal.

sido utilizada pelo Poder Judiciário como critério para a demarcação de terras Indígenas, desconsiderando as ocupações históricas e tradicionais dos povos Indígenas.

No caso específico do povo Terena, essa aplicação do marco temporal tem gerado impactos significativos sobre seus direitos territoriais. Historicamente, os Terena habitavam uma vasta área no centro-oeste brasileiro, mas foram expulsos de suas terras durante o processo de colonização e ocupação do país. Muitas vezes, foram deslocados para áreas distantes de suas terras originais, o que dificultou a manutenção de seu modo de vida tradicional e sua identidade cultural.

A imposição do marco temporal pelo Poder Judiciário tem restringido ainda mais os direitos territoriais dos Terena, ignorando suas ocupações tradicionais que ocorreram antes de 1988 e legitimando as ocupações subsequentes por não Indígenas. Isso tem gerado conflitos e violações dos direitos humanos desses povos, além de comprometer sua sobrevivência física e cultural.

É importante destacar que a aplicação do marco temporal pelo Poder Judiciário não considera as especificidades históricas e culturais dos povos Indígenas, nem os princípios constitucionais e os tratados internacionais que garantem seus direitos territoriais. Ao contrário, perpetua uma visão colonialista e discriminatória que marginaliza e exclui os povos Indígenas de seus territórios tradicionais, considerado por nós um território ancestral.

Portanto, é fundamental destacar a importância dos movimentos Indígenas, da luta coletiva pela demarcação e garantia dos territórios, e repensar a aplicação do marco temporal para buscar alternativas que respeitem os direitos territoriais, reconhecendo suas ocupações históricas e tradicionais e garantindo sua participação efetiva nos processos de demarcação e gestão de suas terras. Isso não apenas é uma questão de justiça social e respeito aos direitos humanos, mas também uma condição essencial para a preservação da diversidade cultural e ambiental do Brasil, e principalmente para que cada povo possa manter suas tradições e sua cultura vivas.



### 1.3 QUAL O HISTÓRICO DA UTILIZAÇÃO DAS PLANTAS MEDICINAIS PELO POVO KAINGANG?

De acordo com o desenvolvimento dos Indígenas Kaingang, sua alimentação e utilização de frutos e plantas foi a contribuição mais significativa, trazendo com eles o avanço da horticultura, realizando a colheita de pinhão, e plantio de milho e porongos (Nötzold, 2003, p. 51).

Graças ao domínio sobre as plantas, estes habitantes conheceram também outras de suas propriedades, como as plantas curativas, as alucinógenas e as venenosas (utilizadas para caça e pesca) e baseando-se nestas propriedades, aperfeiçoaram o seu sistema de saúde.<sup>10</sup>

As plantas medicinais são consideradas sagradas por nós Indígenas, houve uma época em que as plantas eram utilizadas para tudo, tanto na alimentação, quanto para curar doenças e em rituais como o *Kiki Koj*<sup>11</sup>. A utilização das plantas medicinais variam de chás, emplastos e também ingestão das mesmas frescas para alimentação.

À medida que os *Fóg*<sup>12</sup> foram inseridos no nosso meio, fomos perdendo a prática de utilizar as plantas por fatores significativos, como a perda de território, o desmatamento, e a utilização de agrotóxicos nas lavouras próximas à aldeia.

Atualmente, observamos que o conhecimento sobre as plantas medicinais é mantido por poucas pessoas, as que mais utilizam atualmente são os *Kujá*, remedeiros e curandeiros, que desempenham um papel crucial na preservação e transmissão desse conhecimento ancestral, mantendo vivas as práticas de cura tradicionais em meio às mudanças sociais e culturais (Biazi, 2022).

Nós Kaingang fomos criados aprendendo sobre as plantas, utilizamos chás caseiros para quase tudo, me recordo das saídas de campo realizada na escola Cacique Vanhkre, na oportunidade meus professores falavam sobre a importância do território e de respeitar os espíritos da natureza, e de como a riqueza deste conhecimento é importante para criação de nossa identidade,

---

<sup>10</sup> (NÖTZOLD, 2003)

<sup>11</sup> Ritual em homenagem aos mortos. Para saber mais acesse: Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha de. A história Kaingang através do ritual do Kiki Koj da Terra Indígena Xapecó/SC. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

<sup>12</sup> Na língua Kaingang nos referíamos as pessoas não Indígenas com o Kaingang destacado no texto “*Fóg*”.

entretanto as doenças novas que a globalização trouxe. Muitas vezes vamos aos hospitais que ficam no município próximo, assim utilizando medicamentos da indústria farmacêutica. Portanto, é importante trazer também um trecho da pesquisa de Moacir Haverroth (2007, p. 65), em que destaca a classificação das plantas medicinais, na perspectiva do povo Kaingang.

“A classificação das plantas-remédio (vênh-kagta) está associada à classificação das doenças (kaga). Os remédios são indicados dependendo da etiologia e/ou nosologia das doenças. Tal associação é fundamental na compreensão da categorização das plantasremédio. O conceito de vênh-kagta se aplica tanto a remédio quanto a veneno, ou seja, se refere a qualquer substância que tenha efeito no organismo, independente de seu resultado. Assim qualquer planta pode ser vênh-kagta, mas há uma distinção quanto à qualidade de seu 11 efeito, conhecimento esse que predomina entre os especialistas em cura e idosos”.

As plantas medicinais podem ser classificadas de acordo com as marcas exogâmicas *Kamē*<sup>13</sup> e *Kanhru*<sup>14</sup>, para o povo Kaingang é sagrado, pois se trata da sua história, como tudo surgiu.

---

<sup>13</sup> Metade exogâmica Kaingang tem a pintura corporal em forma de um risco de cor preta.

<sup>14</sup> Metade exogâmica Kaingang que tem a marca redonda de cor vermelha. (BIAZI 2022)

## **2 OBJETIVO**

Realizar uma revisão integrativa da literatura respondendo à pergunta: Como a utilização de plantas medicinais pela comunidade indígena tem sido relatada nas publicações científicas? Este conhecimento de utilização das plantas medicinais é transmitido de geração a geração? Se sim, de que forma este conhecimento circula entre as redes de famílias?

### 3 MATERIAIS E MÉTODOS

A revisão integrativa é um tipo de revisão sistematizada da literatura que envolve a busca, a avaliação crítica e a síntese de evidências de diferentes estudos sobre um determinado tema, com o objetivo de integrar os resultados de diversos estudos para obter a compreensão de um fenômeno particular. De acordo com os autores Botelho; Cunha e Macedo (2011), esse método de pesquisa busca traçar uma análise sobre um conhecimento já construído em pesquisas anteriores.

O termo “integrativa” tem origem na integração de opiniões, conceitos ou ideias provenientes das pesquisas utilizadas no método. Para Whitemore e Knafl (2005), é nesse ponto que se evidencia o potencial para construir a ciência. As revisões integrativas de literatura possuem o potencial de avançar no campo científico e enriquecer a ciência, fornecendo insights valiosos para a pesquisa, práticas e decisões políticas.

#### 3.1 ESTRATÉGIA DE BUSCA

A pesquisa na literatura científica foi realizada nas bases de dados: PubMed/MEDLINE, Embase, EBSCO, Web of Science, Portal da BVS (LILACS, BDNF, HomeoIndex, Mosaico), Scielo, PQDT Global. E para nortear a estratégia de busca foram utilizados os núcleos centrais do estudo “Plantas medicinais”, “Indígenas” e “Brasil” e seus sinônimos. Entre os núcleos temáticos foi utilizado o operador booleano<sup>15</sup> AND<sup>16</sup> e dentro do núcleo temático entre os sinônimos, o operador booleano OR<sup>17</sup> no dispositivo de busca avançada. E então foi utilizado o filtro para levantamento dos documentos publicados nos últimos 5 anos, nas línguas português, inglês e espanhol.

---

<sup>15</sup> É uma ferramenta utilizada em lógica, programação e pesquisa de banco de dados para combinar ou modificar condições e retornos verdadeiros ou falsos. Eles são fundamentais para criar expressões lógicas e realizar buscas mais precisas e eficientes.

<sup>16</sup> É usado para combinar duas ou mais condições e retorna verdadeiro apenas se todas as condições forem verdadeiras.

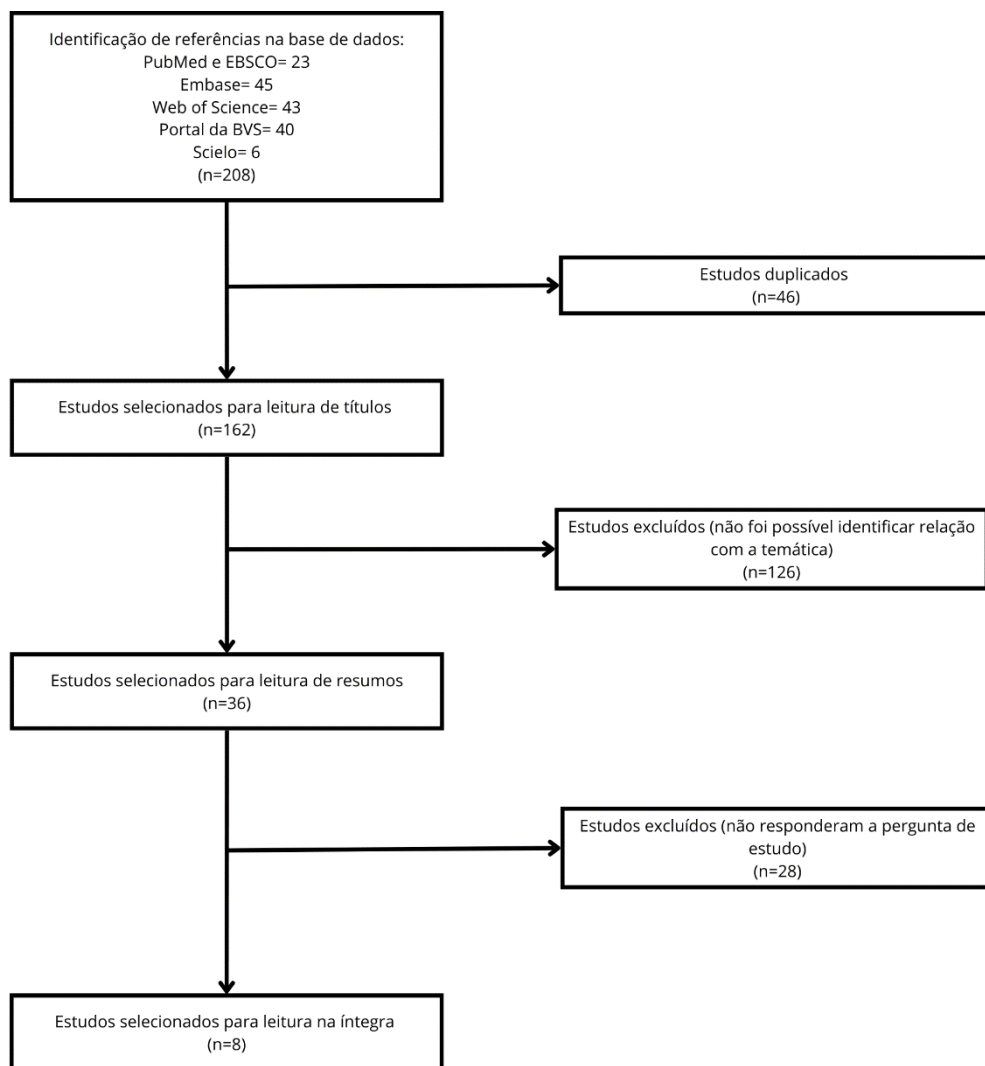
<sup>17</sup> É usado para combinar duas ou mais condições e retorna verdadeiro se pelo menos uma das condições for verdadeira.

### 3.2 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO DOS DOCUMENTOS

Foram encontrados 208 documentos, inicialmente foram verificadas as duplicidades de documentos, que foram excluídas, restando 162. Após essa fase foi realizada a leitura dos títulos, e foram excluídos aqueles sem adesão à temática central da revisão.

Após essa etapa foi realizada a leitura dos resumos, sendo excluídos aqueles sem adesão à temática. Por fim, foi realizada a leitura na íntegra, em dois momentos, primeiro para observação da aderência à temática do estudo, depois uma segunda leitura em profundidade para buscar os núcleos centrais abordados nos documentos, a fim de se produzir a síntese das informações levantadas. Foram incluídos todos os documentos com texto completo disponível online e gratuito.

Figura 3 - Fluxograma de seleção de estudos para a revisão bibliográfica



Fonte: Elaborado pela autora: 2024.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A revisão bibliométrica sobre o uso de plantas medicinais por comunidades Indígenas brasileiras destaca a diversidade de estudos realizados nos últimos cinco anos. Os estudos abordam o uso de plantas medicinais por diversos povos Indígenas no Brasil, explorando tanto a dimensão cultural quanto socioeconômica desse conhecimento tradicional. As pesquisas foram realizadas em diferentes regiões do país, refletindo a diversidade cultural e botânica do Brasil. As publicações são de autores diferentes, e em somente um dos artigos é contribuído por Indígenas, sendo como Coautores da obra “Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá”, com algumas revistas se repetindo em foco e abrangência, mas não necessariamente nos mesmos tópicos, que indicam uma disseminação do conhecimento em diferentes periódicos especializados. Cada artigo tem uma contribuição única para o entendimento do uso de plantas medicinais e a importância cultural e socioeconômica desse conhecimento.

Quadro 1 - Síntese das informações bibliométricas dos artigos selecionados na revisão da literatura, Florianópolis, 2024.

Revista	Ano	Autores	Título	Objetivo	Principais Resultados
Economic Botany	2019	CAMPOS, Juliana Loureiro Almeida et al.	Socioeconomic factors and cultural changes explain the knowledge and use of ouricuri palm ( <i>Syagrus coronata</i> ) by the Fulni-ô indigenous people of northeast Brazil	Explorar os fatores socioeconômicos e mudanças culturais que influenciam o conhecimento e uso da palmeira ouricuri pelos Indígenas Fulni-ô do nordeste do Brasil	Evidenciou a influência dos fatores socioeconômicos e das mudanças culturais no conhecimento e uso da palmeira ouricuri pelos Fulni-ô, nordeste do Brasil.
Interações (Campo Grande)	2020	MENEGUELLI, Alexandre Zandonadi et al.	Ethnopharmacological and botanical evaluation of medicinal plants used by Brazilian Amazon Indian community	Avaliar o uso de plantas medicinais pela comunidade indígena da Amazônia brasileira	Identificou e avaliou diversas plantas medicinais utilizadas pela comunidade indígena da Amazônia brasileira, contribuindo para o conhecimento etnofarmacológico e botânico.
Fiocruz/PE	2020	BASTA, Paulo Cesar et al.	Pohã Ñana; nãombarete, tekoha, guarani ha kaiowá arandu rehegua= Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória guarani e kaiowá	Investigar o uso de plantas medicinais pelos povos Guarani e Kaiowá, relacionando com fortalecimento cultural, territorial e memória	Demonstrou a relação entre o uso de plantas medicinais, o fortalecimento cultural e territorial, além da preservação da memória dos povos Guarani e Kaiowá.
Rodriguésia	2020	MILLION, Janae Lyon et al.	Plantas medicinais e ritualísticas dos Kaiowá do Tekoha Taquara como contribuição para a demarcação da terra ancestral, Mato Grosso do Sul, Brasil	Contribuir para a demarcação de terras ancestrais por meio do estudo das plantas medicinais e ritualísticas dos Kaiowá do Tekoha Taquara	Destacou a importância das plantas medicinais e ritualísticas na demarcação de terras ancestrais dos Kaiowá do Tekoha Taquara, Mato Grosso do Sul, Brasil.
Cerrados	2021	Strachulski, Juliano;De	Força da floresta, saúde e doença:	investigar a relação do povo	destaca que o uso de plantas



		Almeida Silva, Adnilson ;Floriani, Nicolas	o uso da flora medicinal pelo povo Parintintin	Parintintin, autodenominado Pykahu, da Aldeia Traíra, Terra Indígena Nove de Janeiro, município de Humaitá - AM, com a floresta e o uso da flora medicinal, a partir dos seus saberes tradicionais, nos processos de cura.	medicinais tem sido essencial para a autonomia da comunidade em relação à medicina moderna. Mesmo com uma farmácia da SESAI na Aldeia Traíra, eles continuam utilizando recursos da floresta, demonstrando que seus conhecimentos tradicionais permanecem ativos e são transmitidos entre gerações. Esses saberes são cruciais para a conservação e preservação dos recursos naturais, valorizando a cultura Parintintin.
Ethnobiology And Ethnomedicine	2021	Julian Henrique Carlotto de Andrade, José Rodrigues, André Benites, Cornélio Benites, Arlindo Acosta, Marcelina Benites, Cocelina Benites, Ilda Gomes, Jaime Valdir da Silva, Eunice Antunes, Elisete Antunes, José Martins, Daniel Martins Timóteo, Santiago Franco, José Cirilo Pires Morinico. Fernanda Ribeiro da Silva. Natalia Hanazaki	Notes on current Mbya-Guarani medicinal plant exchanges in southern Brazil	compreender algumas das contribuições dos Guarani para a paisagem cultural na Mata Atlântica.	Os resultados mostram um intenso movimento de plantas atualmente ocorrendo entre as aldeias e a importância desses movimentos tanto para a saúde individual quanto para a integridade dos ambientes nos quais as aldeias Guarani estão inseridas.
Human Ecology Review	2022	Alves, J. D. ,Ferreira, F. S. ,Armstrong, A. D. ,Silva, M. R. D. ; ,Santos, Mhlc ,Neto,	Influence of Socioeconomic Factors on the Knowledge of Medicinal Plants: A Case Study in the Truka Indigenous Population,	Compreender o conhecimento da população indígena Truká	Demonstrou que o conhecimento sobre as plantas medicinais na comunidade indígena Truká é

		Emdd	Pernambuco, Brazil	sobre plantas medicinais	maior entre os mais velhos, com residências mais populosas e menor renda. As plantas mais citadas são usadas para tratar condições comuns como hipertensão e ansiedade.
História, Ciências, Saúde-Manguinhos	2023	HENRIQUE, Márcio Couto	Do índio Passos ao doutor Chernoviz: experiências de cura da lepra no Pará do século XIX	Analisar as experiências de cura da lepra no Pará do século XIX	Demonstrou as diferentes experiências de cura da lepra, desde práticas Indígenas até abordagens médicas ocidentais, no Pará do século XIX.

Fonte: elaborado pela autora: 2024.

A análise desses artigos proporciona uma visão holística das interações entre os povos Indígenas do Brasil e suas terras ancestrais. Os estudos abordam uma variedade de temas, desde questões jurídicas até aspectos culturais e etnofarmacológicos, oferecendo uma compreensão ampla e profunda das dinâmicas envolvidas.

Os artigos destacam a importância da demarcação e proteção dos territórios Indígenas, ressaltando os desafios enfrentados pelos povos nativos, especialmente em relação à aplicação do marco temporal pelo Poder Judiciário. Essa discussão jurídica é crucial para entender os esforços contínuos dos povos Indígenas na defesa de seus direitos territoriais.

Além disso, os estudos revelam a profunda conexão entre as práticas culturais dos povos Indígenas e o ambiente natural. A utilização de plantas medicinais e rituais tradicionais não só demonstra uma riqueza de conhecimento ancestral, mas também ressalta a importância da preservação da biodiversidade para a saúde e o bem-estar das comunidades Indígenas.

Os artigos também fornecem dados sobre como as práticas de saúde Indígenas foram moldadas ao longo do tempo, seja por influências históricas ou por mudanças socioeconômicas e culturais. Essa perspectiva histórica ajuda a contextualizar as experiências contemporâneas dos povos Indígenas e suas lutas pela autonomia e pelo reconhecimento de seus saberes e práticas tradicionais.

O estudo conduzido por Strachulski e colaboradores (2021) ressalta a importância das práticas tradicionais de medicina dos Parintintin, destacando como o uso de espécies vegetais contribui para sua permanência e subsistência. Apesar da presença de uma farmácia na Aldeia Traíra, eles continuam a utilizar os recursos naturais da floresta, o que demonstra a resiliência e a relevância contínua de seus conhecimentos tradicionais. Além disso, enfatiza-se a relação estreita entre esses conhecimentos e a conservação dos recursos naturais, especialmente no manejo das espécies vegetais tanto na floresta quanto nos quintais, o que contribui para a valorização da cultura Parintintin como um todo.

Já no estudo de Alves e colaboradores (2022), é evidenciado o notável conhecimento da comunidade Truká sobre plantas medicinais, revelando como essas plantas desempenham um papel fundamental na manutenção da

saúde das famílias. A associação do conhecimento sobre plantas medicinais com fatores socioeconômicos, como idade e renda, destaca a importância dessas práticas tradicionais para a saúde e o bem-estar desta comunidade.

O estudo conduzido por Andrade e colaboradores (2021) analisa as trocas de plantas entre as aldeias Guarani e destaca a intensa movimentação de recursos naturais na Mata Atlântica, enriquecendo não apenas a saúde física, mas também a espiritualidade das comunidades. Essas trocas não apenas fortalecem os laços culturais entre as aldeias, mas também contribuem significativamente para a conservação da biodiversidade ecológica e cultural da região, demonstrando o profundo vínculo entre os Guarani e seu ambiente natural.

O estudo conduzido por Million e colaboradores (2020) oferece uma visão fascinante sobre a relação dos Kaiowá do Tekoha Taquara, em Mato Grosso do Sul, com as plantas medicinais e rituais. A pesquisa ressalta a importância desses recursos naturais não apenas para a saúde física, mas também para a preservação da cultura e identidade dessas comunidades Indígenas.

Ao destacar a relevância das plantas medicinais e rituais para os Kaiowá, o estudo evidencia como esse conhecimento tradicional está intrinsecamente ligado à sua história, território e modo de vida. Essas práticas não são apenas formas de tratamento de doenças, mas também elementos fundamentais de suas tradições culturais e espirituais.

Além disso, o estudo sugere que a valorização e preservação desse conhecimento podem desempenhar um papel importante na demarcação e proteção das terras ancestrais dos Guarani Kaiowá. Ao reconhecer a conexão profunda entre o ambiente natural e as práticas culturais e de saúde Indígenas, é possível fortalecer os argumentos em prol da demarcação e garantir a preservação desses territórios para as gerações futuras.

Assim, a pesquisa de Million et al. destaca não apenas a importância das plantas medicinais e rituais para os Kaiowá, mas também a necessidade de reconhecer e respeitar os saberes tradicionais das comunidades Indígenas. Essa abordagem holística, que reconhece a interconexão entre cultura, ambiente e saúde, é essencial para promover a justiça e a equidade

para os povos Indígenas e para garantir a preservação de suas terras e tradições.

O estudo conduzido por Meneguelli e colaboradores (2020) oferece uma perspectiva valiosa sobre o conhecimento tradicional das comunidades Indígenas na Amazônia brasileira sobre o uso de plantas medicinais. Através de uma avaliação etnofarmacológica e botânica, os pesquisadores exploraram as práticas de saúde dessas comunidades, destacando a riqueza e a profundidade de seu conhecimento sobre os recursos naturais disponíveis em seu ambiente.

O estudo revela não apenas a diversidade de plantas medicinais utilizadas pelas comunidades Indígenas, mas também a complexidade de suas práticas de cura e tratamento de doenças. Essas comunidades demonstram um profundo entendimento das propriedades medicinais das plantas, bem como das técnicas de preparação e administração desses remédios tradicionais.

Além disso, o estudo ressalta a importância desse conhecimento tradicional para a saúde e o bem-estar das comunidades Indígenas. Ao confiar em recursos naturais para suas necessidades de saúde, essas comunidades não apenas demonstram uma abordagem sustentável e harmoniosa com o ambiente, mas também ressaltam a importância da preservação desse conhecimento para as futuras gerações.

O estudo de Meneguelli et al. destaca a importância de reconhecer, valorizar e preservar o conhecimento tradicional das comunidades Indígenas sobre plantas medicinais. Essa abordagem não apenas enriquece nossa compreensão da biodiversidade e das práticas de saúde Indígenas, mas também oferece insights significativos para a promoção da saúde e o desenvolvimento de políticas de saúde mais inclusivas e culturalmente sensíveis.

No estudo de Henrique (2023), somos levados a uma análise profunda das experiências de cura da lepra no Pará do século XIX, destacando não apenas a evolução das práticas de saúde, mas também a influência e transformação das práticas Indígenas ao longo do tempo. A lepra, uma doença altamente estigmatizada na época, oferece um ponto de partida

intrigante para examinar a interação entre as comunidades Indígenas e a sociedade envolvente.

A pesquisa revela como as práticas de saúde Indígenas foram integradas e adaptadas às estruturas de cuidados de saúde mais amplas do período, muitas vezes sob a influência de missionários e profissionais de saúde não Indígena. Essa integração não apenas influenciou as abordagens de tratamento da lepra, mas também teve um impacto significativo na compreensão e percepção das práticas de saúde Indígenas pela sociedade dominante.

Além disso, o estudo destaca as complexidades e desafios enfrentados pelas comunidades Indígenas ao navegar entre suas próprias práticas de saúde tradicionais e as práticas de saúde impostas pela sociedade envolvente. Essa tensão entre tradição e modernidade, entre autonomia e assimilação, oferece uma lente fascinante para examinar as dinâmicas sociais e culturais da época.

Portanto, o estudo de Henrique nos oferece não apenas uma visão histórica interessante das práticas de saúde no Pará do século XIX, mas também nos leva a refletir sobre a resiliência e a adaptação das comunidades Indígenas diante das mudanças e pressões externas. Essa perspectiva histórica é essencial para uma compreensão mais completa das experiências e desafios enfrentados pelas comunidades Indígenas ao longo do tempo.

O estudo realizado por Campos e colaboradores (2019) oferece uma análise abrangente dos fatores socioeconômicos e das mudanças culturais que moldam o conhecimento e o uso da palmeira ouricuri pelos Fulni-ô. Ao destacar esses aspectos, o artigo ressalta a importância de uma abordagem holística que leve em consideração não apenas os aspectos biológicos das plantas, mas também o contexto social e cultural em que são utilizadas pelas comunidades Indígenas.

A pesquisa revela como os Fulni-ô, ao longo do tempo, têm adaptado suas práticas de uso da palmeira ouricuri em resposta a mudanças socioeconômicas e culturais em seu ambiente. Essas mudanças incluem transformações na estrutura familiar, no sistema de produção e na integração com a sociedade envolvente, que afetam diretamente o conhecimento e o uso das plantas medicinais e rituais.

Além disso, o estudo destaca como fatores como acesso a recursos, níveis de renda e mudanças nos padrões de consumo podem influenciar a disponibilidade e o uso da palmeira ouricuri pelos Fulni-ô. Essa análise socioeconômica é crucial para entender não apenas as práticas de uso das plantas, mas também as dinâmicas mais amplas que moldam a vida e a cultura das comunidades Indígenas.

Portanto, o artigo de Campos et al. destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar que leve em consideração os aspectos biológicos, sociais, econômicos e culturais das plantas medicinais e rituais. Somente através dessa compreensão abrangente é possível promover políticas e práticas que valorizem e respeitem os conhecimentos tradicionais das comunidades Indígenas, garantindo sua preservação e continuidade para as futuras gerações.

O estudo conduzido por Basta e colaboradores (2020) oferece uma visão perspicaz sobre o uso de plantas medicinais na perspectiva dos Guarani Kaiowá. O estudo destaca não apenas a importância dessas plantas para a saúde e o bem-estar das comunidades, mas também como o fortalecimento de suas práticas tradicionais está intrinsecamente ligado ao seu território e à sua memória cultural.

Ao destacar a relação entre as plantas medicinais e o território ancestral dos Guarani Kaiowá, o estudo ressalta a profunda conexão entre a saúde física, o ambiente natural e a identidade cultural dessas comunidades. A terra não é apenas um recurso para a coleta de plantas medicinais, mas também um local sagrado que sustenta as tradições e a espiritualidade desses povos.

Além disso, o estudo evidencia como o conhecimento tradicional sobre plantas medicinais é transmitido de geração em geração, enraizado na memória cultural e nas práticas cotidianas das comunidades Guarani Kaiowá. Essa transmissão oral do conhecimento reflete não apenas a riqueza da sabedoria indígena, mas também a resiliência dessas comunidades diante de desafios históricos e contemporâneos.

O estudo de Basta et al. destaca a importância de reconhecer e valorizar os saberes tradicionais das comunidades Guarani Kaiowá sobre plantas medicinais. Ao fortalecer essas práticas tradicionais e proteger o

território ancestral desses povos, é possível promover não apenas a saúde física, mas também a preservação da cultura e da identidade indígena. Essa abordagem é essencial para promover a justiça e a equidade para os povos Indígenas e para garantir o respeito pelos seus direitos territoriais e culturais.

Complementando os aspectos discutidos em cada um dos artigos, a análise conjunta desses estudos oferece uma visão ampla e multifacetada das relações entre os povos Indígenas e suas terras ancestrais. Essa abordagem holística destaca não apenas os desafios enfrentados por essas comunidades, mas também a riqueza de seus conhecimentos, práticas e tradições.

Em primeiro lugar, os estudos ressaltam a importância do reconhecimento dos direitos territoriais dos povos Indígenas, destacando os obstáculos legais, socioeconômicos e políticos que enfrentam na luta pela demarcação e proteção de suas terras ancestrais. A aplicação do marco temporal, por exemplo, é discutida como uma questão jurídica crucial que afeta diretamente esses direitos territoriais.

Além disso, os estudos evidenciam a profunda conexão entre as práticas culturais, de saúde e espirituais dos povos Indígenas e seus territórios ancestrais. O uso de plantas medicinais e rituais tradicionais não apenas reflete a riqueza do conhecimento indígena, mas também destaca a importância da preservação do ambiente natural para a saúde e o bem-estar dessas comunidades.

A análise conjunta desses artigos reforça a necessidade de respeitar a autonomia cultural, jurídica e sanitária dos povos Indígenas. Isso significa não apenas reconhecer e proteger seus direitos territoriais e culturais garantidos pela constituição Federal (ARTS. 231 E 232), mas também garantir sua participação ativa na tomada de decisões que afetam suas vidas e seus territórios.

Cada estudo oferece uma perspectiva única, mas todos convergem para destacar a importância dos conhecimentos tradicionais das comunidades Indígenas sobre plantas medicinais, rituais e uso sustentável dos recursos naturais.

Um aspecto comum em todos os estudos é a ênfase na relação intrínseca entre as práticas culturais dos povos Indígenas e o ambiente



natural. O uso de plantas medicinais não é apenas uma questão de saúde, mas também reflete a profunda conexão espiritual e cultural dessas comunidades com suas terras ancestrais. Além disso, os estudos ressaltam a resiliência dessas práticas tradicionais diante das pressões externas e mudanças socioeconômicas, evidenciando a capacidade adaptativa e a importância de preservar esses conhecimentos para as futuras gerações.

Outro ponto de destaque é a importância da demarcação e proteção dos territórios Indígenas, um aspecto crucial para garantir a continuidade dessas práticas tradicionais e a preservação da biodiversidade. No entanto, os estudos também apontam para os desafios enfrentados pelos povos Indígenas.

Além disso, os estudos fornecem insights valiosos sobre a transmissão intergeracional desses conhecimentos tradicionais e as mudanças ao longo do tempo. A adaptação das práticas de saúde Indígenas às influências históricas e contemporâneas é evidenciada, destacando a importância de uma abordagem inclusiva e colaborativa que reconheça e respeite os saberes e práticas tradicionais das comunidades Indígenas.

## 5 CONCLUSÃO

O uso das plantas medicinais nas comunidades Indígenas brasileiras é um aspecto fundamental da saúde e da cultura desses povos. Ao longo dos séculos, as comunidades Indígenas desenvolveram um vasto conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas encontradas em seus territórios ancestrais. Esse conhecimento é transmitido oralmente por várias gerações, e desempenha um papel central nas práticas de cura e no bem-estar das comunidades.

As plantas medicinais são utilizadas pelas comunidades Indígenas não apenas para tratar doenças físicas, mas também para promover o equilíbrio espiritual e emocional. Essas práticas refletem uma visão holística da saúde, que reconhece a interconexão entre o corpo, a mente e o ambiente natural. Além disso, o uso de plantas medicinais está intimamente ligado às tradições culturais e espirituais dos povos Indígenas, contribuindo para a promoção de sua identidade e autonomia.

No entanto, o uso das plantas medicinais pelas comunidades Indígenas enfrenta uma série de desafios, incluindo a perda de territórios ancestrais, a degradação ambiental e a falta de reconhecimento e valorização de seus conhecimentos tradicionais. É fundamental garantir o respeito aos direitos territoriais e culturais dos povos Indígenas, bem como promover políticas e práticas que apoiem a preservação e o fortalecimento de suas práticas de saúde tradicionais.

Além disso, é importante promover o diálogo intercultural e a colaboração entre os povos Indígenas e os sistemas de saúde convencionais, reconhecendo e articulando com os saberes tradicionais das comunidades Indígenas no contexto mais amplo da saúde pública. Ao fazer isso, podemos construir uma abordagem mais inclusiva e holística da saúde, que respeite e valorize toda a diversidade que há no contexto brasileiro.

Os agentes de saúde indígena desempenham um papel fundamental na interseção entre os conhecimentos tradicionais e o sistema de saúde formal no Brasil. O artigo Diehl et al, destaca o papel crucial dos agentes Indígenas de saúde (AIS) na prestação de cuidados de saúde adaptados às



## REFERÊNCIAS

Alfinito, Ana Carolina; Amado, Luiz Henrique Eloy; Henrique, Luiz. A aplicação do marco temporal pelo Poder Judiciário e seus impactos sobre direitos territoriais do povo Terena. **Revista Eletrônica OABRJ**, p. 1-30, 2018.

Alves, J. D.; Ferreira, F. S.; Armstrong, A. D.; Silva, M. R. D. *et al.* Influence of Socioeconomic Factors on the Knowledge of Medicinal Plants: A Case Study in the Truka Indigenous Population, Pernambuco, Brazil. **HUMAN ECOLOGY REVIEW**, 27, n. 2, p. 3-29, 2022.

Arquivo Público Do Paraná. **Catálogo seletivo de documentos referentes aos Indígenas no Paraná provincial 1853 - 1870** . Curitiba: Departamento Estadual de Arquivo Público - DEAP, 2007. v. 3

Basta, P. C.; Sousa, I. M. C. D.; Aquino, J. T. C. D.; Paiva, J. V. *et al.* Plantas medicinais: fortalecimento, território e memória Guarani e Kaiowá. 350-350 p. 2020.

Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha De; Ercigo, Terezinha Guerreiro. **A formação do kujá e a relação com seus guias espirituais na Terra Indígena Xapecó/SC**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC. 2014.

Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Os especialistas Kaingang e sua relação com o território tradicional envolvendo suas práticas de cura e de formação espiritual**. Encontro Regional Sul de História Oral. 2019.

Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha De. **Espiritualidade e conhecimentos da mata na formação dos especialistas de cura Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC**. Florianópolis, 18/03/2017. 265 páginas. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social.: PPGAS/UFSC.

Biazi, Adriana Aparecida Belino Padilha de. **A mata Kaingang da Terra Indígena Xapecó/SC: o uso e o manejo das plantas Kamê e Kanhru1**. Florianópolis, 2022. 21 páginas. UINTER/BR

Borba, Telêmaco. **Actualidade indígena: Typ e Lytog**. Curitiba: A Vapor Impressora Paranaense. 1908.

Botelho, Louise Lira Roedel; Cunha, Cristiano Castro de Almeida, & Macedo, Marcelo. O Método da Revisão Integrativa nos Estudos Organizacionais. Belo Horizonte: Gestão e Sociedade. 2011.

Buba, Nathan. **Uma terra indígena encantada: Ressignificação das práticas religiosas em nome de São João Maria entre os Kaingang do Xapecó/SC**. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

Brasil. Decreto nº 297, de 29 de Outubro de 1991 (**Homologação da demarcação administrativa da área indígena Xaçecó, no Estado de Santa Catarina**). Diário Oficial da União. Seção 1. 30 de outubro de 1991.

Bregalda, Damiana. **CONSTRUINDO CORPOS E PESSOAS KAINGANG: Os kujá nas bacias do Rio dos Sinos e do Lago Guaíba**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais. Porto Alegre, 2007. UFRGS.

Campos, J. L. A.; Araújo, E. D.; Gaoue, O. G.; Albuquerque, U. P. Socioeconomic Factors and Cultural Changes Explain the Knowledge and Use of Ouricuri Palm (*Syagrus coronata*) by the Fulni-o Indigenous People of Northeast Brazil. **ECONOMIC BOTANY**, 73, n. 2, p. 187-199, JUN 2019.

D'Angelis, Wilmar da Rocha; FÓKÂE, Vicente Fernandes. Toldo Imbú: **O cacique Condá, os Kaingang do Xaçecó e as terras do Imbú**. **Cadernos do CEOM**. Chapecó: Unochapecó. 1994.

De Andrade, J. H. C.; Rodrigues, J.; Benites, A.; Benites, C. *et al.* Notes on current Mbya-Guarani medicinal plant exchanges in southern Brazil. **JOURNAL OF ETHNOBIOLOGY AND ETHNOMEDICINE**, 17, n. 1, JUN 2021.

Dihel, Eliana Elisabeth; LANGDON, Esther Jean; DIAS-SCOPEL, Raquel Paiva. Contribuição dos agentes Indígenas de saúde na atenção diferenciada à saúde dos povos Indígenas brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, p. 819-831, 2012.

Haverroth, Moacir. **Kaingang um estudo etnobotânico: O uso e a classificação das plantas na área indígena Xaçecó (oeste de SC)**. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social), Florianópolis: PPGAS/UFSC. 1997.

Haverroth, Moacir. *Etnobotânica, saúde e povos Indígenas*. Recife: NUPEA. 2013.

Hemming, John. *Red Gold: the conquest of the brazilian indians*. London: Macmillan, 1978.

Henrique, M. C. Do índio Passos ao doutor Chernoviz: experiências de cura da lepra no Pará do século XIX. **Hist. ciênc. saúde-Manguinhos**, 30, p. e2023027-e2023027, 2023/00 2023.

Meneguelli, A. Z.; Camargo, E. E. S.; Buccini, D. F.; Roriz, B. C. *et al.* Ethnopharmacological and botanical evaluation of medicinal plants used by Brazilian Amazon Indian community. **Interações (Campo Grande)**, 21, n. 3, p. 633-645, 2020-09 2020.

Million, J. L.; Veron, V.; Vilharva, K. N.; Cárceres, N. V. *et al.* Plantas medicinais e ritualísticas dos Kaiowá do Tekoha Taquara como contribuição para a demarcação da terra ancestral, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rodriguésia**, 71, 2020 2020.

Ministério da Saúde. **Manual de Implantação de Serviços de Práticas Integrativas e Complementares no SUS** (Brasília DF. 2018).

Mendes, Ivania. **O uso das ervas medicinais na atualidade Kaingang no Território Indígena Xapecó, Santa Catarina, Brasil.** Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica). Florianópolis: UFSC, 2015.

Melatti, J. C. Índios do Brasil. 7ª edição, São Paulo: ed. UND/Hucitec, 1993.

Nötzold, Ana Lúcia Vulfe. **Nosso Vizinho Kaingang.** ed. Florianópolis: Imprensa Universitária da UFSC, 2003.

Nötzold, Ana. **O ciclo de vida Kaingang.** ed. Florianópolis; Imprensa Universitária da UFSC, 2004.

Nötzold, Ana; Rosa, Helena; Bringmann, Sandor. **Etnohistória, história indígena e educação: Contribuições ao debate.** ed. Porto Alegre: Editora

Ribeiro, Darcy & Moreira Neto, Carlos de Araújo. A fundação do Brasil: testemunhos (1500–1700). Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Ribeiro, Darcy. A política indigenista brasileira. Rio de Janeiro: SIA/MA, 1962.

Sigolo, Paladri Renata. **Plantas medicinais e os cuidados com a saúde: contando várias histórias.** ed Florianópolis NUPPe/UFSC, 2015

Strachulski, J.; De Almeida Silva, A.; Floriani, N. Força da floresta, saúde e doença: o uso da flora medicinal pelo povo Parintintin. **Rev. Cerrados**, 19, n. 1, p. [1-27], 2021/00 2021.

Urban, Greg. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, M.C. (org.). História dos Índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992. p. 87-102.

Whittemore, R.; Knafel, K. The integrative review: updated methodology. *Journal of Advanced Nursing*, Oxford, v. 52, n. 5, p. 546-553, Dec. 2005.

## ANEXO 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE ODONTOLOGIA  
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ODONTOLOGIA

**ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Aos 17 dias do mês de Junho de 2024, às 14:00 horas, em sessão pública na plataforma “online” Google Meet, na presença da Banca Examinadora presidida pelo Professor Renata Goulart Castro

e pelos examinadores:

1 -Juliana Salles Machado Bueno,

2 – Eliana Elisabeth Diehl,

o aluno Aline Padilha

apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado: O uso das plantas medicinais nas comunidades Indígenas brasileiras: Uma revisão de literatura como requisito curricular indispensável à aprovação na Disciplina de Defesa do TCC e a integralização do Curso de Graduação em Odontologia. A Banca Examinadora, após reunião em sessão reservada, deliberou e decidiu pela APROVAÇÃO do referido Trabalho de Conclusão do Curso, divulgando o resultado formalmente ao aluno e aos demais presentes, e eu, na qualidade de presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais componentes da Banca Examinadora e pelo aluno orientando.

Renata Goulart Castro  
Presidente da Banca Examinadora



Documento assinado digitalmente  
**Renata Goulart Castro**  
Data: 17/06/2024 16:01:26-0300  
CPF: \*\*\*.620.089-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Juliana Salles Machado Bueno  
Examinador 1



Documento assinado digitalmente  
**Juliana Salles Machado Bueno**  
Data: 18/06/2024 11:51:57-0300  
CPF: \*\*\*.196.228-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Eliana Elisabeth Diehl  
Examinador 2



Documento assinado digitalmente  
**ELIANA ELISABETH DIEHL**  
Data: 17/06/2024 17:20:39-0300  
CPF: \*\*\*.278.830-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Aline Padilha  
Aluno



Documento assinado digitalmente  
**Aline Padilha**  
Data: 18/06/2024 12:02:42-0300  
CPF: \*\*\*.861.149-\*\*  
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>